

# O jornalismo na era Slashdot

Catarina Moura  
Universidade da Beira Interior

Janeiro de 2002

## Índice

1 A Filosofia	1
2 O Fenómeno Slashdot	1
3 O Jornalismo integra, a Ética trans- cende	4
4 O Jornalismo pós-Slashdot	5
5 Bibliografia	6

## 1 A Filosofia

À medida que os computadores invadiram as nossas vidas, assumindo uma ubiquidade sem retorno através de um sistema em rede que velozmente se apossa de todo o mundo, a ideia de implementar uma filosofia *peer-to-peer* foi ganhando consistência e adeptos, surgindo como uma evolução natural do novo *medium*.

Antes de mais, o conceito. Por *peer-to-peer* entende-se “a partilha de recursos e serviços através de troca directa entre sistemas”<sup>1</sup>. Isto significa, no fundo, um aproveitamento de recursos, que se traduz aos mais diversos níveis, desde a troca de informação à partilha de espaço em disco.

<sup>1</sup> *In Site* oficial Peer-to-Peer Work Group (<http://www.p2pwg.org>)

O encontro *peer-to-peer / open source* era, à partida, inevitável e desejável. O termo *open source* surge aplicado ao software que algumas pessoas criam e disponibilizam gratuitamente na rede e cuja qualidade é compatível com o que de melhor é desenvolvido pelas grandes empresas. É o caso do sistema operativo Linux, que vem conquistando cada vez mais adeptos entre a comunidade cibernauta.

A eficácia desta filosofia fez com que se questionasse sobre como seria aplicá-la a outras áreas, nomeadamente o jornalismo, fazendo surgir uma ideia ainda com pouca expressão real: a do *jornalismo open source*. Indiciando desde logo uma mudança fundamental no jornalismo como é entendido e praticado, esta ideia tem vindo a concretizar-se em *sites* como o Slashdot (<http://slashdot.org>).

## 2 O Fenómeno Slashdot

Situado entre a webzine e o fórum, o Slashdot representa o que muitos consideram o início da era do jornalismo *open source*, o que implica, desde logo, permitir que várias pessoas (que não apenas os jornalistas) escrevam e, sem a castração da imparcialidade,

dêem a sua opinião, impedindo assim a proliferação de um pensamento único, como o pode ser aquele difundido pela maioria dos jornais, cuja objectividade e imparcialidade são muitas vezes máscaras de um qualquer ponto de vista que serve interesses mais particulares que apenas o de informar com honestidade e isenção o público que os lê.

O Slashdot é, em essência, uma democratização do jornalismo, deixando bem claro, no entanto, que não é jornalismo. *“In a lot of ways, journalists have decided that journalism is something journalists do.” “That’s sort of elitist, but (...) I really won’t contest that: we’re just not journalists.”*<sup>2</sup> A declaração é de Rob Malda (CmdrTaco), um dos criadores do *site*, juntamente com Jeff Bates (Hemos).

Fenómeno recente, o Slashdot surge como “Chips & Dips” no verão de 1997, numa conta que o então estudante Rob Malda mantinha no Hope College. Construído quase exclusivamente a partir de software *open source*, tal como o Linux e o Apache, o sucesso foi tão rápido e esmagador que em Novembro de 2001 o Slashdot é vendido à empresa Andover.net. Esta decisão não foi lamentada. A venda permitiu o seu alojamento em computadores mais potentes e, portanto, mais compatíveis com as necessidades de um *site* que serve 30 milhões de páginas por mês. Para Rob Malda, que continua a gerir o *site*, mas agora com a ajuda de uma equipa de cerca de dez pessoas, o Slashdot continua o mesmo, está apenas mais eficaz.

O que define o Slashdot enquanto fórum é o facto de funcionar como uma comunidade, o que implica, antes mais, a existência de interesses específicos em comum. Consequen-

temente, o conteúdo é integralmente vocacionado para as apetências dos “nerds” tecnológicos (segundo auto-definição) que compõem a comunidade. Daí o subtítulo da página: *“News for Nerds. Stuff that Matters.”* Apesar de se pautar pelo particular e não pelo universal, na essência continua a ser um fórum noticioso, diversificado e plural.

O seu funcionamento, embora se assemelhe ao do fórum normal, apresenta algumas peculiaridades que estabelecem a diferença. O utilizador envia, através de uma *“submissions bin”*, a informação que deseja pôr online e que pode assumir os mais diversos formatos: um texto, um link, um fragmento de uma página Web, ... Se o assunto for considerado relevante, actual ou apelativo, será escolhido e publicado por um dos editores do Slashdot que, diariamente, seleccionam entre os artigos submetidos aqueles que preencherão o *site*, escolhendo os melhores ou mais actuais para a primeira página e dividindo os restantes pelas diversas secções listadas à esquerda da página. Sob cada secção listada surge a data do último artigo ali colocado e o número de artigos publicados no próprio dia. Aos artigos é atribuído um ícone, que imediatamente elucida o leitor sobre o assunto (*‘topic’*) a que se refere.

O artigo publicado é, muitas vezes, apenas o início de uma longa lista de comentários que, como em qualquer fórum, acabam por ser não só reacções ao artigo inicial mas também reacções a reacções. Como muitos dos utilizadores do Slashdot são especialistas, ler os comentários pode muitas vezes ser mais produtivo que ler o próprio artigo. No entanto, nem todos os comentários são interessantes. Muitos deles podem de facto não dizer nada. Tendo isto em consideração, o Slashdot tem um sistema de moderação que

<sup>2</sup> in Glave:1999

procura “*separar o trigo do joio*”, por assim dizer, e em relação ao qual o utilizador pode escolher ter uma maior ou menor dependência. Esta escolha é importante na medida em que o que interessa a uns pode não interessar a outros. Os moderadores são escolhidos pelo sistema entre os utilizadores mais assíduos e com uma contribuição mais positiva. A sua função é atribuir uma pontuação aos comentários submetidos. Os comentários mais pontuados são, conseqüentemente, os mais lidos.

O estatuto de moderador é temporário, de modo a salvaguardar a pluralidade de ideias que caracteriza o *site*. Por outro lado, e para prevenir eventuais abusos, não lhe é permitido submeter comentários nas discussões que está a moderar.

#### **a) Anonimato: um risco calculado**

Uma das características mais peculiares do Slashdot enquanto fórum noticioso é o facto de permitir o anonimato. Os participantes só se identificam se desejarem e a publicação dos artigos não depende de o autor se ter identificado ou não. Ao permitir intervenções anónimas ou sob pseudónimo, o Slashdot permite que os artigos sejam avaliados pelo seu conteúdo e não pela sua autoria e, por outro lado, oferece a quem tenha informação importante mas não possa ou queira identificar-se a hipótese de a divulgar sem medo.

Embora muitos artigos sejam publicados sem grande ou mesmo nenhum conhecimento sobre a sua origem ou veracidade, isso é considerado um risco apenas para quem submete a informação, pois dados falsos ou infundados são normalmente detetados com rapidez pela comunidade. Con-

sequentemente, a falsa informação é rara, o que possibilita um ambiente de segurança e assegura o sucesso do sistema.

No entanto, consciente de que o anonimato, embora vantajoso para o utilizador, pode prejudicar a credibilidade do *site*, o Slashdot estabelece restrições a todos os utilizadores não identificados. Desde logo rotulados pelo sistema como “*Anonymous Cowards*” (AC’s), não podem ser moderadores e os seus artigos ou comentários recebem uma pontuação mínima, o que significa, na prática, que serão pouco lidos e, hipoteticamente, que poderão nunca vir a lê-lo.

#### **b) Do universal para o particular: o filtro**

O Slashdot vem transformar as expectativas tradicionais em relação à informação noticiosa. São os seus utilizadores que fazem o *site*. São eles que pesquisam, que escrevem, que comentam, sem pretensões ao jornalismo.

A crescente quantidade global de informação dificulta a capacidade de filtrar o que realmente interessa e de avaliar o que é de confiança. E estes fóruns funcionam, no fundo, como filtros de um tipo de informação que interessa especificamente a uma comunidade virtual. Por outro lado, a multiplicidade de comentários que se gera em volta de cada tópico permite ao leitor obter uma visão muito mais ampla e aprofundada sobre a questão.

A natureza hipertextual / não linear das publicações online, bem como a instantaneidade e comodidade de acesso que permitem, justificam plenamente o seu sucesso, mas o facto de grande parte dos *sites* noticiosos serem pouco mais que espelhos das suas versões “reais” (real entendido enquanto oposto de virtual), transportando muitas vezes para

o novo *medium* os vícios que lhe estão associados, travam esse sucesso e abrem espaço para a popularidade de *sites* como o Slashdot. Mas há também quem defenda que os valores do jornalista profissional devem marcar diferença no tipo e na qualidade da informação disponibilizada online, assegurando desde logo a objectividade e imparcialidade dos seus conteúdos, de modo a criar uma relação de confiança com o leitor.

### 3 O Jornalismo integra, a Ética transcende

Quando se deu o “boom” da Internet, em 1994, foram muitos os cépticos e os temerosos em relação às possibilidades de o jornalismo vingar no novo meio sem ver diluídos os seus valores tradicionais. A inexistência de regras deixava antever o caos.

Cerca de oito anos depois, muitas regras continuam por estabelecer, mas uma análise do meio revela que, salvo raras excepções, os *sites* noticiosos tiveram um comportamento muito positivo. J.D. Lasica defende que os jornalistas souberam transportar para a rede os seus valores de longa data, concluindo que a dimensão ética transcende o meio<sup>3</sup>.

O que falhou foi, talvez, a falta de visão de futuro, que se traduz desde logo numa crónica incapacidade de experimentação. As reais potencialidades do novo *medium* só agora começam, timidamente, a ser exploradas.

O jornalismo online tem que ser visto como uma outra forma de jornalismo. Embora seja desejável que importe toda a deontologia que pauta a profissão, ultrapassa necessariamente os moldes tradicionais, desde

<sup>3</sup>in Lasica, How the Net is Shaping Journalism Ethics

logo ao permitir a convergência texto – som – imagem. É aquilo que Mark Deuze classifica como “jornalismo integrado” ou total<sup>4</sup>.

A constatação de que os meios noticiosos online podem ser mais do que um prolongamento dos respectivos corpos impressos, televisivos ou radiofónicos é um primeiro passo para conseguir compreender com maior amplitude a possibilidade do seu nascimento na rede não como *outro do mesmo* mas como *algo em si mesmo*, ou seja, tendo nos *media* “reais” não um modelo mas apenas uma inspiração.

Elementos como “arquivo”, “recursos” ou “material de referência” são vantagens óbvias de uma publicação digital, que pode alimentar-se do imenso e crescente capital informativo armazenado nas extensas bases de dados que se estendem em rede por todo o mundo. Em termos de conteúdo, essa vantagem traduz-se desde logo pela possibilidade de solidificar a informação publicada disponibilizando links que permitam ao leitor uma percepção muito mais aprofundada do assunto. Deste modo, o texto passa a ter vários níveis de leitura (“layers”, segundo M. Deuze), algo que o jornal tradicional não pode oferecer.

O próprio texto é algo a que o jornalista online deve dedicar-se. A Net exige experiências com a linguagem e com o estilo, de modo a adaptar os mesmos a uma leitura que é, à partida, feita no monitor do computador e que requer rapidez, tendo em conta que o utilizador está a pagar para poder aceder à Internet e quer ter tudo no menor espaço de tempo possível.

Há, obviamente, novas considerações éti-

<sup>4</sup>in Deuze, The Web Communicators: Issues in Research into Online Journalism and Journalists

cas a ser feitas ao pensarmos a Web como medium de recolha e difusão, pois ambas as vertentes colocam em causa a sua credibilidade. A recolha de informação pode ser feita das mais variadas formas através da Internet, desde a vulgar consulta à participação em fóruns e *chats*. Para evitar que a sua conduta seja posta em causa, o jornalista deve citar todas as fontes de onde retirou a informação utilizada no seu artigo e identificar-se sempre que se encontre num *chat* com o propósito de recolher material.

Mas é enquanto meio difusor de informação noticiosa que a Internet levanta mais dúvidas. A velocidade é simultaneamente a sua grande vantagem e o seu grande vírus. A competição pela divulgação da notícia em primeira mão é exacerbada no novo meio, levando a que muitas vezes fiquem factos por confirmar ou sejam adiantadas informações erradas sobre acontecimentos ainda em desenvolvimento. Claro que um jornalista que respeite o seu código deontológico vai evitar estas situações, mas muitas vezes a sobrevivência num meio que tanto a dificulta pode ditar regras paralelas a que o jornalista é forçado a obedecer.

São estes “perigos” que deixam espaço para o sucesso dos vários *Slashdot*'s que vão surgindo na rede.

#### 4 O Jornalismo pós-Slashdot

Analisadas as partes, a questão impõe-se: o que significaria, em termos concretos, a fusão entre o jornalismo e o modelo slashdot?

Embora, aparentemente, esta fusão permitisse testar a eficácia da filosofia *peer-to-peer* aplicada ao jornalismo, a natureza do *Slashdot* levanta algumas dúvidas. Desde logo a possibilidade de interacção com o leitor,

que é transformado numa espécie de jornalista. Ora, elitismos à parte, nem toda a gente pode ser jornalista. Há, desde logo, uma formação inerente à profissão que, obviamente, não é inata. Se, por um lado, esta interacção (que é a base do *Slashdot*) é interessante e certamente sedutora para o utilizador, podendo garantir a sua assiduidade (R. Malda reconhece-o: “we feel that the unique nature of slashdot is largely because the contents of the homepage are determined by a handful of people”<sup>5</sup>), por outro não seria aconselhável salvaguardar a hipótese de rescrever os artigos, de modo a adaptar a matéria-prima aos parâmetros jornalísticos? Isto implica, à partida, eliminar por completo o carácter parcial do texto, que ficaria guardado para a secção dos comentários ou da opinião. A objectividade e a imparcialidade são valores fulcrais do jornalismo. Não sendo uma prioridade, ou sequer uma preocupação, para os membros da comunidade *Slashdot*, isso não poderia manter-se num jornal.

Além de permitir que qualquer pessoa participe e se expresse livremente, no *Slashdot* também o editorial pode ser da autoria de qualquer utilizador, bastando o envio antecipado de uma proposta. Tendo em consideração que o editorial de um jornal deve conter uma ideia capaz de exprimir o espírito da publicação, a sua autoria deverá ser deixada a quem a queira?

Por outro lado, preocupações sintácticas e semânticas, descuradas no *Slashdot* a favor da rapidez de publicação, não podem ser esquecidas num *site* noticioso. Rob Malda assume que “a gramática é péssima”<sup>6</sup> mas, apesar de terem um *copy editor* cuja função

<sup>5</sup> in Malda, Inside *Slashdot*

<sup>6</sup> Malda, *Slashdot: Frequently Asked Questions*

é tentar encontrar e corrigir erros, a qualidade da escrita não é uma prioridade, o que certamente não poderia acontecer jornalisticamente.

A questão do anonimato levanta dúvidas óbvias. Apesar do sistema de moderação do Slashdot, faria sentido permitir artigos e comentários de autor não identificado, sabendo o efeito que isso pode ter na credibilidade da publicação? A identificação pedida pelo Slashdot resume-se a um *e-mail* que o utilizador deve submeter à autoridade central. Mas até que ponto um *e-mail* e um *nickname* tornam um utilizador menos anónimo? Não seria recomendável que fosse pedida mais informação, pelo menos a quem quisesse submeter um artigo?

Esta precaução é tanto mais pertinente se considerarmos que, num jornal, a verificação da autenticidade da informação não deve ser póstuma à sua publicação. Embora numa comunidade tão extensa como a do Slashdot a falsa informação seja facilmente detectada, isso torna-se demasiado arriscado num *site* ainda pequeno, que esteja a começar e que não pode ver a sua credibilidade afectada sob pena de não vingar.

A resposta a todas as dúvidas levantadas pela ideia do jornalismo *peer-to-peer* exige reflexão e análise. Exige sobretudo um laboratório real, no qual possam ser testadas todas as hipóteses de modo a avançar, um passo que seja, na determinação de um novo jornalismo, mais consentâneo com as imensas possibilidades apresentadas pela Internet.

*“Acredita-se que o jornalismo open source poderia fazer a catedrais mediáticas centralizadas como o Wall Street Journal, o New York Times ou a CBS o mesmo que os*

*programadores Linux estão a fazer à Microsoft”*. (Bart Preecs)<sup>7</sup>

## 5 Bibliografia

- BÉLANGER, André, *Journalisme et Nouveau Journalisme*, Multimédium, 1999 (<http://www.mmedium.com/chroniques/abelanger/19990830.html>)
- CRAMER, Florian, *The Slashdot Effect* ([http://userpage.fu-berlin.de/~cantsin/h...ung/slashdot/blz\\_slashdot\\_-\\_english.txt](http://userpage.fu-berlin.de/~cantsin/h...ung/slashdot/blz_slashdot_-_english.txt))
- DEUZE, Mark, *The Web Communicators: Issues in Research into Online Journalism and Journalists*, First Monday - Peer-reviewed Journal on the Internet ([http://www.firstmonday.dk/issues/issues3\\_12/deuze/](http://www.firstmonday.dk/issues/issues3_12/deuze/))
- GLAVE, James, *Slashdot: All the News that Fits*, Wired News, 1999 (<http://www.wired.com/news/print/0,1294,21448,00.htm>)
- KAHNEY, Leander, *CmdrTaco on Slashdot Sale*, Wired News, 1999 (<http://www.wired.com/news/print/0,1294,20483,00.html>)
- LASICA, J.D., *How the Net is Shaping Journalism Ethics*, The Well, 2001 (<http://www.well.com/user/jd/newsethics.htm>)
- LASICA, J.D., *A Scorecard for Net News Ethics*, Online Journalism Review, 2001 (<http://ojr.usc.edu/content/story.cfm?request=643>)

<sup>7</sup> in Preecs, Open Source Journalism

MALDA, Rob, *Inside Slashdot*, Linux World  
(<http://www.linuxworld.com/linuxworld/lw-1998-10/lw-10-slashdot.html>)

MILLER, Robin, *From Niche to News Portal, How Slashdot Survived the Attack*, Online Journalism Review, 2001  
(<http://ojr.usc.edu/content/print.cfm?print=641>)

Peer-to-peer Work Group (página oficial)  
(<http://www.p2pwg.org>)

PREECS, Bart, *Open Source Journalism, Make Your Own Media* (<http://www.makeyourownmedia.org/osj.html>)

PRIESTLEY, Matthew, *Honest News in the Slashdot Decade*, First Monday - Peer-reviewed Journal on the Internet  
([http://www.firstmonday.dk/issues/issues4\\_8/priestley/](http://www.firstmonday.dk/issues/issues4_8/priestley/))

Slashdot FAQ - Frequently Asked Questions  
(<http://slashdot.org/faq/>)

THOMPSON, Nicholas, *Reboot! How Linux and Open-source Development could Change the Way we Get Things Done*, The Washington Monthly Online, 2000  
(<http://www.washingtonmonthly.com/features/2000/0003.thompson.htm>)